

DOMINGO VIII DO TEMPO COMUM

CIC 2563: o coração é a morada da verdade

2563 O coração é a morada onde estou, onde habito (e segundo a expressão semítica ou bíblica, aonde eu «desço»). É o nosso centro oculto, inapreensível, quer para a nossa razão quer para a dos outros: só o Espírito de Deus é que o pode sondar e conhecer. É o lugar da decisão, no mais profundo das nossas tendências psíquicas. É a sede da verdade, onde escolhemos a vida ou a morte. É o lugar do encontro, já que, à imagem de Deus, vivemos em relação: é o lugar da aliança.

CIC 1755-1756: os actos bons e os actos maus

1755 O acto *moralmente bom* pressupõe em simultâneo a bondade do objecto, da finalidade e das circunstâncias. Um fim mau corrompe a acção, mesmo que o seu objecto seja bom em si (como orar e jejuar «para ser visto pelos homens»). O *objecto da escolha* pode, por si só, viciar todo um modo de agir. Há comportamentos concretos – como a fornicação – cuja escolha é sempre um erro, porque comporta uma desordem da vontade, isto é, um mal moral.

1756 É, portanto, erróneo julgar a moralidade dos actos humanos tendo em conta apenas a intenção que os inspira, ou as circunstâncias (meio, pressão social, constrangimento ou necessidade de agir, etc.) que os enquadram. Há actos que, por si e em si mesmos, independentemente das circunstâncias e das intenções, são sempre gravemente ilícitos em razão do seu objecto; por exemplo, a blasfémia e o jurar falso, o homicídio e o adultério. Não é permitido fazer o mal para que dele resulte um bem.

CIC 1783-1794: a formação da consciência e a decisão segundo a consciência

1783 A consciência deve ser informada e o juízo moral esclarecido. Uma consciência bem formada é recta e verídica; formula os seus juízos segundo a razão, em conformidade com o bem verdadeiro querido pela sabedoria do Criador. A formação da consciência é indispensável aos seres humanos, submetidos a influências negativas e tentados pelo pecado a preferir o seu juízo próprio e a recusar os ensinamentos autorizados.

1784 A formação da consciência é tarefa para toda a vida. Desde os primeiros anos, a criança desperta para o conhecimento e para a prática da lei interior reconhecida pela consciência moral. Uma educação prudente ensina a virtude; preserva ou cura do medo, do egoísmo e do orgulho, dos ressentimentos da culpabilidade e

dos movimentos de complacência, nascidos da fraqueza e das faltas humanas. A formação da consciência garante a liberdade e gera a paz do coração.

- 1785** Na formação da consciência, a Palavra de Deus é a luz do nosso caminho. Devemos assimilá-la na fé e na oração, e pô-la em prática. Devemos também examinar a nossa consciência, de olhos postos na cruz do Senhor. Somos assistidos pelos dons do Espírito Santo, ajudados pelo testemunho e pelos conselhos dos outros e guiados pelo ensino autorizado da Igreja¹.
- 1786** Perante a necessidade de decidir moralmente, a consciência pode emitir um juízo recto, de acordo com a razão e a lei de Deus, ou, pelo contrário, um juízo erróneo, que se afaste delas.
- 1787** Por vezes, o homem vê-se confrontado com situações que tornam o juízo moral menos seguro e a decisão difícil. Mas deve procurar sempre o que é justo e bom e discernir a vontade de Deus expressa na lei divina.
- 1788** Para isso, o homem esforça-se por interpretar os dados da experiência e os sinais dos tempos, graças à virtude da prudência, aos conselhos de pessoas sensatas e à ajuda do Espírito Santo e dos seus dons.
- 1789** Algumas regras aplicam-se a todos os casos:
- nunca é permitido fazer mal para que daí resulte um bem;
 - a «regra de ouro» é: «Tudo quanto quiserdes que os homens vos façam, fazei-lho, de igual modo, vós também» (*Mt 7, 12*)².
 - a caridade passa sempre pelo respeito do próximo e da sua consciência: «Ao pecardes assim contra os irmãos, ao ferir-lhes a consciência [...], é contra Cristo que pecais» (*1 Cor 8, 12*). «O que é bom é não [...] [fazer] nada em que o teu irmão possa tropeçar» (*Rm 14, 21*).
- 1790** O ser humano deve obedecer sempre ao juízo certo da sua consciência. Agindo deliberadamente contra ele, condenar-se-ia a si mesmo. Mas pode acontecer que a consciência moral esteja na ignorância e faça juízos erróneos sobre actos a praticar ou já praticados.
- 1791** Muitas vezes, tal ignorância pode ser imputada à responsabilidade pessoal. Assim acontece «quando o homem pouco se importa de procurar a verdade e o bem e quando a consciência se vai progressivamente cegando, com o hábito do pecado»³. Nesses casos, a pessoa é culpada do mal que comete.
- 1792** A ignorância a respeito de Cristo e do seu Evangelho, os maus exemplos dados por outros, a escravidão das paixões, a pretensão de uma mal entendida autonomia da consciência, a rejeição da autoridade da Igreja e do seu ensino, a falta de conversão e de caridade, podem estar na origem dos desvios do juízo na conduta moral.

¹ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Decl. *Dignitatis humanae*, 14: AAS 58 (1966) 940.

² Cf. *Lc 6, 31*; *Tb 4, 15*.

³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 16: AAS 58 (1966) 1037.

1793 Se, pelo contrário, a ignorância é invencível, ou o juízo erróneo sem responsabilidade do sujeito moral, o mal cometido pela pessoa não pode ser-lhe imputado. Mas nem por isso deixa de ser um mal, uma privação, uma desordem. É preciso trabalhar, portanto, para corrigir dos seus erros a consciência moral.

1794 A consciência boa e pura é iluminada pela fé verdadeira. Porque a caridade procede, ao mesmo tempo, «dum coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera» (1 Tm 1, 5)⁴.

«Quanto mais prevalecer a recta consciência, tanto mais as pessoas e os grupos estarão longe da arbitrariedade cega e procurarão conformar-se com as normas objectivas da moralidade»⁵.

CIC 2690: a direcção espiritual

2690 O Espírito Santo concede a certos fiéis dons de sabedoria, de fé e de discernimento, em vista deste bem comum que é a oração (*direcção espiritual*). Aqueles e aquelas que de tais dons são dotados, são verdadeiros ministros da tradição viva da oração:

É por isso que a alma que quer progredir na perfeição deve, segundo o conselho de São João da Cruz, «olhar em que mãos se põe, porque, qual o mestre, tal será o discípulo, e tal pai, tal filho». E ainda: o guia, «além de sábio e discreto, é mister que seja experimentado» [...]. Se o guia espiritual «não tem experiência do que é puro e verdadeiro espírito, não atinará a encaminhar a alma nele, quando Deus lho dá, nem ainda o poderia entender»⁶.

CIC 1009-1013: o sentido da morte cristã

1009 *A morte é transformada por Cristo*. Jesus, Filho de Deus, também sofreu a morte, própria da condição humana. Mas apesar da repugnância que sentiu perante ela⁷, assumiu-a num acto de submissão total e livre à vontade do Pai. A obediência de Jesus transformou em bênção a maldição da morte⁸.

1010 Graças a Cristo, a morte cristã tem um sentido positivo. «Para mim, viver é Cristo e morrer é lucro» (Fl 1, 21). «É digna de fé esta palavra: se tivermos morrido com Cristo, também com Ele viveremos» (2 Tm 2, 11). A novidade essencial da morte cristã está nisto: pelo Baptismo, o cristão já «morreu com Cristo» sacramentalmente para viver uma vida nova; se morremos na graça de Cristo, a morte física consoma este «morrer com Cristo» e completa assim a nossa incorporação n'Ele, no seu acto redentor:

«É bom para mim morrer em (eis) Cristo Jesus, mais do que reinar dum extremo ao outro da terra. É a Ele que eu procuro, Ele que morreu por nós; é a Ele que eu quero, Ele que

⁴ Cf. 1 Tm 3, 9; 2 Tm 1, 3; 1 Pe 3, 21; Act 24, 16.

⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 16: AAS 58 (1966) 1037.

⁶ SÃO JOÃO DA CRUZ, *Llama de amor viva*, redactio segunda, stropha 3, declaratio 30: *Biblioteca Mística Carmelitana*, v. 13 (Burgos 1931) p. 171 [SÃO JOÃO DA CRUZ, *Chama viva de amor*, III 30: *Obras Completas* (Paço de Arcos, Edições Carmelo 1986) p. 909].

⁷ Cf. Mc 14, 33-34; Heb 5, 7-8.

⁸ Cf. Rm 5, 19-21.

ressuscitou para nós. Estou prestes a nascer [...]. Deixai-me receber a luz pura; quando lá tiver chegado, serei um homem»⁹.

1011 Na morte, Deus chama o homem a Si. É por isso que o cristão pode experimentar, em relação à morte, um desejo semelhante ao de São Paulo: «Desejaria partir e estar com Cristo» (*Fl* 1, 23). E pode transformar a sua própria morte num acto de obediência e amor para com o Pai, a exemplo de Cristo¹⁰:

«O meu desejo terreno foi crucificado; [...] há em mim uma água viva que dentro de mim murmura e diz: “Vem para o Pai”»¹¹.

«Ansiosa por verte, desejo morrer»¹².

«Eu não morro, entro na vida»¹³.

1012 A visão cristã da morte¹⁴ é expressa de modo privilegiado na liturgia da Igreja:

«Para os que crêem em Vós, Senhor, a vida não acaba, apenas se transforma; e, desfeita a morada deste exílio terrestre, adquirimos no céu uma habitação eterna»¹⁵.

1013 A morte é o fim da peregrinação terrena do homem, do tempo de graça e misericórdia que Deus lhe oferece para realizar a sua vida terrena segundo o plano divino e para decidir o seu destino último. Quando acabar «a nossa vida sobre a terra, que é só uma»¹⁶, não voltaremos a outras vidas terrenas. «Os homens morrem um só vez» (*Heb* 9, 27). Não existe «reencarnação» depois da morte.

⁹ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Romanos* 6, 1-2: SC 10bis, 114 (FUNK 1, 258-260).

¹⁰ Cf. *Lc* 23, 46.

¹¹ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Romanos* 7, 2: SC 10bis, 116 (FUNK 1, 260).

¹² SANTA TERESA DE JESUS, *Poesía, 7: Biblioteca Mística Carmelitana*, v. 6 (Burgos 1919) p. 86; [SANTA TERESA DE ÁVILA, *Seta de Fogo* (Lisboa, Assírio & Alvim 1989) p. 31].

¹³ SANTA TERESA DO MENINO JESUS, *Lettre* (9 de Junho de 1897): *Correspondence Générale*, v. 2 (Paris 1973) p. 1015 [SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Obras Completas* (Paço de Arcos, Edições do Carmelo 1996) p. 622].

¹⁴ Cf. *1 Ts* 4, 13-14.

¹⁵ *Prefácio dos Defuntos I: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 439 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 509].

¹⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 54.